TERRITÓRIOS MÓVEIS DE UMA ESCRITA FEMININA EM CONSTRUÇÃO: PERSPECTIVA CONTEMPORÂNEA DE EXÌLIO E LITERATURAS MIGRANTES

WRITINGO OF WOMEN IN LATIN AMERICA: FROM THE CONSTRUCTION OF PROTAGONISTS TO THE PROTAGONISM IN WRITING

Marta Francisco de Oliveira[1]
[https://orcid.org/0000-0002-5212-5361]
DOI: 10.30612/raido.v14i35.11866

RESUMO: O artigo tem por objetivo propor uma reflexão acerca de como a escrita feminina no Brasil se constrói sobre um território móvel e produtivo, abrindo espaço para novas perspectivas apontadas pelos estudos contemporâneos. Escritoras e pesquisadoras desempenham um papel como intelectuais que extrapola os domínios da arte e da cultura e se inscrevem como opção política e de resistência. Deste modo, através de uma breve referência a uma história de literatura de escrita de mulheres, nacional e regional, revista pela pesquisa de Araújo (2006), Duarte (2018) e Pellegrini e Sena (2014), propomos a ampliação dos estudos e das leituras para, em seguida, incentivar a reflexão sobre como o exílio e os movimentos migratórios se inscrevem na perspectiva contemporânea da escrita feminina. É neste sentido que se instaura também o pensamento de(s)colonial, inaugurando uma nova episteme, ou pelo menos um novo posicionamento frente à (ou ao lado da) epistemologia retórica da modernidade, nas palavras de Mignolo (2019), o que exige uma postura intelectual que responda, satisfatoriamente, às novas formas de apresentação dos discursos e narrativas pautados no entendimento das literaturas das minorias, de 'fronteira', na intersecção com a autoria feminina

Palavras-chave: autoria feminina; exílio; literaturas migrantes; pensamento de(s)colonial.

ABSTRACT: The article aims to propose a reflection on how female writing in Brazil is built on a mobile and productive territory, opening space for new perspectives pointed out by contemporary studies. Writers and researchers play a role as intellectuals that go beyond the domains of art and culture and sign up as a political and resistance option. Thus, through a brief reference to a history of women's writing literature, national and regional, reviewed by Araújo (2006), Duarte (2018) and Pellegrini and Sena (2014), we propose the expansion of studies and readings to then encourage reflection on how exile and migratory movements are inscribed in the contemporary perspective of female writing. It is in this sense that the thought of colonial (s) is also

1 Professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - PNPD - PPGEL- FAALC/CPCX.

CC BY NC SA

established, inaugurating a new episteme, or at least a new positioning in front of (or alongside) the rhetorical epistemology of modernity, in the words of Mignolo (2019), which requires an intellectual posture that responds, satisfactorily, to the new forms of presentation of speeches and narratives based on the understanding of minority literature, of 'frontier', at the intersection with female authorship.

Keywords: Brazilian popular music; censorship; phonographic industry; Lira Paulistana; Itamar Assumpção. Female authorship; exile; migrant literature; decolonial thinking.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Brincar de pensar

A arte de pensar sem riscos. Não fossem os caminhos de emoção a que leva o pensamento, pensar já teria sido catalogado como um dos modos de se divertir. Não se convidam amigos para o jogo por causa da cerimônia que se tem em pensar. O melhor modo é convidar apenas para uma visita, e, como quem não quer nada, pensa-se junto, no disfarçado das palavras. (LISPECTOR, 1999, p. 23)

Parece ser desnecessário afirmar que, conforme a chamada para este dossiê, em nossa história literária, tanto brasileira como de toda a América Latina, a presença feminina nos textos se destacava como personagens – inclusive com grande potência representativa, com significados simbólicos que permanecem até hoje em nosso imaginário literário, cultural e popular – mas que ainda precisamos resgatar e fazer jus à autoria de mulheres. De fato, considerar que a escrita de mulheres esteve ausente da lista de obras representativas – exiladas desse contexto por diversas razões – não significa atestar que não exista, pois um olhar histórico mais atento revela o contrário do que quer (ou queria) nossa historiografia[2] mais tradicional, e a desmente em termos de abundância de autoras e textos escritos (ARAÚJO, 2006). Trata-se, mais precisamente, de perceber certa possibilidade de compreensão da condição de exílio e deslocamento, *grosso modo*, pois os espaços validados de escrita e reconhecimento não pertenciam a todos: era território simbólico do qual mulheres escritoras eram retiradas e/ou proibidas de entrar, alheio a elas. A via de acesso a tal espaço, para desenvolver a arte de escrever sem riscos, precisava ser meio disfarçada, como um convite amavelmente estendido por aqueles de direito, e aceito pelas escritoras como que para um jogo, uma mera visita como garantia de não permanência.

É neste respeito que se constrói a ideia de que a escrita de autoria feminina transita por territórios móveis, incertos, literal e simbolicamente, construindo um percurso desde sua figuração e representatividade no texto, como constituição de personagens, para por fim chegar ao reconhecido protagonismo na escrita. De fato, sequer hoje podemos afirmar que se trata de um território conquistado; antes, a conquista está em processo, aliada a novas concepções teóricas que repensam os lugares de produção e (re)validam a atividade criadora de mulheres.

2 Refiro-me aqui à historiografia enquanto ideia de registro e descrição de autores, obras, contextos históricos, sociais e culturais convencionados, segundo certas intenções, dos períodos literários apresentados em obras voltadas para o público leitor interessado em literatura, de acordo com critérios de seleção daqueles considerados relevantes e dignos de entrar para uma tradição dita canônica. Neste caso, toda seleção implica exclusão de itens não pertinentes aos interesses dos grupos que fazem tal escolha.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 35 | p. 157 – 172 | mai/ago 2020

Historicamente, manter os nomes de mulheres escritoras longe das listas de autoria literária se devia mais a questões de ordem da tentativa de apagamento e invisibilização dessas escritoras, mantendo-as como que exiladas em um território móvel, inseguro e instável, do que à inexistência de autoras e obras. Não cabia às mulheres adentrar a cena pública e tampouco espaços marcadamente masculinos, como era o da escrita, e ter relevância neste território simbólico. Porém, na atualidade é possível rastrear a quantidade de autoras atuantes no século XIX no Brasil, por exemplo, e descobrir que seu número abundante não condiz com uma tradição que preservou quase exclusivamente nomes de escritores homens como pilares de nossa literatura nacional, replicados e consagrados por uma academia que determina manuais e currículos escolares indicando nomes e títulos representativos da periodização literária repassada a estudantes do ensino médio e universitários (DUARTE, 2018).

Se, paulatinamente, nomes de escritoras começam a ser agregados ao rol de escritores e autores, mesmo aquelas que conseguiram se consagrar, de certa forma, sofreram com o estigma de se dedicar a uma literatura feminina, sentimental, voltada para temas domésticos que, em princípio, interessariam apenas a mulheres, limitando (e menosprezando) seu público. Desse modo, nada mais interessaria em um texto escrito por mulheres, quer estilo quer capacidade reflexiva ou crítica, pois não mereceria a atenção de um público mais exigente, o masculino. No século XIX, o público leitor feminino começa a ser visado por periódicos, os quais estavam cheios de páginas de moda, de receitas, ou de contos com ensinamentos morais, entre outros[3]. Mas, ao lado dessa figura da leitora, visada como público consumidor, também surge a figura da mulher escritora. Uma realidade perpetuada ao longo do tempo, portanto, foi muito bem explanada pela escritora Virginia Woolf: "durante muito tempo na história, 'anônimo' era uma mulher". Ou seja, mesmo que escrevesse, mais valia ocultar a autoria e refugiar-se em uma 'androginização', adotando um nome masculino, para se autorizar a adentrar o mundo literário no qual a escrita se tornava uma profissão (LANSER, 2014; FIGUEIREDO, 2013). 'Um teto todo seu', para a criação escrita de mulheres, é algo a ser convertido em constante busca, embora a contemporaneidade aparentemente tenha aplainado o caminho.

Sem dúvida, a partir do século seguinte muitas alterações foram sendo notadas no cenário da escrita no Brasil. Entretanto, muito do estigma ainda permaneceria, bem entrado o século XX. Mesmo Clarice Lispector, apesar de seu reconhecimento como romancista, contribuiu com jornais brasileiros em colunas e páginas femininas entre as décadas de 1950 e 1960, dando receitinhas caseiras e comentando amenidades que, esperava-se, deveriam agradar um público menos exigente (LISPECTOR, NUNES, 2018). Vale a ressalva de que, por se tratar de Clarice Lispector, mesmo sob o pseudônimo de Helen Palmer, muito do que se publicava na coluna ia sutilmente além do tom ameno da conversa entre vizinhas, 'mulherzinhas' perfeitamente enquadradas em seu papel social. Ainda assim, o que prevalecia nesses textos era a superficialidade e utilidade doméstica da escrita, persistente inclusive em leituras mais contemporâneas: em 2013, um quadro do Fantástico, programa das noites de domingo da Rede Globo de televisão, exibia tais textos claricianos em linguagem atualizada, próxima dos espectadores

3 No *Jornal das Famílias*, mesmo Machado de Assis publicou textos voltados para este público feminino leitor (CRESTANI, 2009).

esperados para o dia e horário, encenados por uma atriz como se fosse um capítulo curtíssimo de uma dramatização. Apesar do mérito de incluir textos de Lispector na televisão aberta, o quadro era bonitinho para assistir, mas sem profundidade.

Se ainda percebemos a resistência quanto à escrita feminina, à escrita feita por mulheres, uma voz contrária tem se elevado há algum tempo no Brasil e na América Latina. "A crítica feminista trouxe novas abordagens a estas obras, recuperou escritoras e obras esquecidas e demarcou o espaço de luta e de discussões importantes na literatura de autoria de mulheres", informa-nos a chamada para este número temático, propondo uma postura política de instauração de uma voz e de um espaço, na esteira de outros projetos que repensam as autorias, as escritas e as vozes como meios essenciais de resistência, de (re)invenção, de superação e desvencilhamento dos estigmas, reduções e aprisionamentos aos quais autoras e escritoras mulheres foram submetidas ao longo do tempo. A esfera literária, em foco, promove o pensar do protagonismo feminino na escrita não como brincadeira, passatempo, como poderia sugerir a epígrafe escolhida. Por meio da literatura, o pensamento ganha a forma de risco, de arriscar-se, de aproximação a debates políticos, culturais, sociais, intelectuais, o convidativo jogo que, superando a inibição de fingir 'não querer nada', deixa de ser mera visitinha de amigos e propõe, sem medo, o pensar juntos na palavra mal disfarçada, ou já sem disfarce algum.

2 UMA HISTÓRIA DE ESCRITA DE MULHERES CONTADA EM LIVROS NAS PERSPECTIVAS NACIONAL E LOCAL?

Ampliando a reflexão contemporânea acerca da escrita de autoria feminina através de uma revisão histórica e bibliográfica, esta se desenha como um esforço de conquista e de reconquista de um espaço, um território móvel em construção. Sem dúvida, a repetição é necessária, pois implica a persistência da negação e a constante interposição de dificuldades para o estabelecimento do estatuto da escrita de autoria de mulheres no espaço privilegiado da literatura reconhecida, ampliando a lista de nomes no cânone, por um lado, e o expandindo em múltiplas direções, por outro, enquanto mais formas de produção textual literária foram sendo inscritas no rol da literatura, para além de um cânone consagrado por certas instituições e pela academia. É um esforço político instaurado como resistência. No entanto, é muitas vezes esquecido ou deixado de lado, talvez por certa naturalização dos processos de reconhecimento, talvez pela permanência do ranço da condescendência social de atribuir um valor estético limitado a obras de produtoras mulheres.

A observação do contemporâneo, na cena social, política e cultural, ainda apresenta uma visão parcial e determinada por critérios que, ao longo dos anos, restringem a importância da produção intelectual feminina, quando não a menosprezam direta e implacavelmente. Berenice Bento, em artigo publicado em 22 de abril de 2020, na *Revista Cult*, faz uma análise do modo como figuras femininas são apresentadas em *memes* relacionados a questões políticas no Brasil contemporâneo. Quero me apropriar de suas considerações e fazê-las migrar para o espaço da escrita. O ideário construído socialmente ao longo do tempo faz a vinculação quase imediata ou direta entre o feminino e atributos pouco valorizados, visando reduzir a relevância das produções de mulheres. Se, por um lado, Bento destaca que atributos como a loucura, a instabilidade,

CC BY NC SA

corpos descontrolados, certa dose de infantilidade, a ausência de racionalidade e pouca autoridade são amplamente relacionados com o feminino nos *memes* políticos, mesmo quando se referem à figura masculina de maior poder no país, por outro podemos usar essa referência na literatura como espaço simbólico que mimetiza as relações sociais.

Na esteira desta percepção, a construção social de metáforas e imagens fortemente marcadas pelo feminino incentiva o riso e o deboche, porém a crítica é rasa, permanece na superfície do ideário assumidamente androcêntrico, que de modo natural valoriza o que faz referências ao masculino ao passo que promove a interpretação cômica e caricata dos fatos por meio da aproximação a atributos negativos ligados ao feminino. Tal forma de compreensão é tão difundida que permeia muitos discursos veiculados socialmente, para além da esfera política, e revela a violência e o menosprezo explícita ou veladamente dirigidos às mulheres. Não surpreende, portanto, que haja tantos entraves para a natural ascensão, visibilidade e valorização das produções de autoria feminina, preservando adequadamente a memória cultural ao longo do tempo.

Assim, vale a pena uma rápida pesquisa para, aos poucos, reinserir dados, fatos e nomes a essa história para que esteja cada vez mais presente nos espaços de divulgação e que se promova a observação e percepção da construção da literatura de autoria de mulheres no Brasil. Tal construção se converte em território móvel e instável, mutável, em uma espécie de migração ao passo que nomes são recuperados e obras surgem ou ressurgem. E, vale o destaque, são outras mulheres, em sua maioria, as que buscam promover essa recuperação e valorização, como pesquisadores, estudantes e críticas. Neste sentido, o espaço mais propício, talvez, ainda seja o ambiente universitário, para formação acadêmica relacionada às artes, linguagem, literatura, e posteriormente o escolar, como continuidade e local de trabalho desses profissionais formados, mulheres e homens. No entanto, outros locais, sobretudo os marcadamente culturais, precisam também ampliar essa divulgação e atrair um público maior e mais variado. Cidades maiores, e capitais, podem se sobressair neste aspecto.

Em São Paulo, por exemplo, entre abril e maio de 2019, a Biblioteca Mario de Andrade foi o local da Exposição: *Pioneiras*. No site oficial da prefeitura de São Paulo[4], a chamada tinha o título expandido para "Autoras mulheres no acervo de raridades - Cinquenta livros escritos por autoras brasileiras entre 1754 e 1933". O texto acompanhante apresenta os curadores e a seleção de poemas, romances, ensaios e biografias. Entre outras, destacam-se as autoras Teresa Orta, paulista, e "poemas da 'musa' e heroína da Inconfidência Mineira Bárbara Heliodora, lançados postumamente em 1862". O texto prossegue: "a cronologia passa por Nísia Floresta, nossa primeira autora feminista, Julia Lopes de Almeida, que publicou cerca de 40 livros no século XIX, Gilka Machado,(...) e encerra com *Parque Industrial*, romance de estreia de Pagu, de 1933, que na época assinava Mara Lobo". São iniciativas assim que não podem mais se restringir a um público específico, ou permanecer circunscritas a um círculo pequeno de produtores culturais, seus apoiadores e apreciadores. Tal público pode e deve ser ampliado, via classe docente em geral, e inclusive via cursos de graduação e pós-graduação, para intensificar a formação e a sensibilização para eventos deste tipo, suas diversas formas de divulgação e participação.

4 https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bma/programacao/index.php?p=25515, acesso em 21/04/2020.

É válido destacar, neste aspecto, o esforço de mulheres dedicadas à escrita em suas variadas formas, no empenho de divulgar tais iniciativas e incentivar a ampliação do público participante e do conhecimento das autoras e obras. Cito, por exemplo, Carla Batista, na coluna Mulheres em Movimento, na FolhaPE.com.br, quem escreveu, em 01/05/2019, sob o título "Autoras mulheres pioneiras", um texto sobre a "importância de espaços que se abrem para fazer conhecer e ouvir as palavras/vozes das mulheres". Assim, fez a divulgação, em espaço geograficamente longe dos grandes centros no sudeste, sobre a exposição na Biblioteca Mario de Andrade, e o texto permanece para consulta on-line e como forma de acesso parcial ao conteúdo do evento.

A citação é longa, mas parece interessante para demonstrar como é preciso falar abertamente sobre toda a herança que estas mulheres construíram e nos legaram, ao passo que demonstra que todos os espaços, mesmos os que poderiam ser considerados periféricos e distantes, podem ser divulgadores dos textos e das autoras, abarcando todo o território nacional. Ademais, o trabalho da colunista também merece destaque, como divulgadora e como produtora de textos. O jornal, impresso ou em ambiente virtual, pode ampliar a divulgação entre os mais variados públicos. Assim, informa a colunista:

> Adalzira Bittencourt (1904-1976) publicou várias obras sobre a **participação política e social das mulheres.** No livro "Sua Excia. A Presidenta da República", um romance futurista baseado nos ideais do Partido Republicano Feminino, vislumbrava a eleição da 1ª presidenta no ano de 2.500. Nísia Floresta, considerada a primeira escritora feminista do Brasil, era também atenta às questões ambientais e dos povos indígenas. Publicou "Direitos das Mulheres e Injustiças dos Homens", obra inicial, em 1832. Estes dois livros estão entre os 51 em exposição na Biblioteca Mário de Andrade, no centro de São Paulo. Os exemplares integram a seção de obras raras da Biblioteca, que tem mais de 40 mil volumes. O documento mais antigo data de 1.477. A pesquisadora e bibliotecária Joana D'arc de Andrade e Rízio Santana, especialistas em obras raras, são os responsáveis pelo acervo e localizaram cerca de 120 livros de mulheres entre as raridades. A organização da exposição, da qual são curadores, foi proposta pela nova diretora da Biblioteca, Josélia Aguiar. Joana, quando se referiu a Auta de Souza, natalense nascida no século XVIII, contou que mulher publicar não era bem visto. "Os escritores não gostavam nem ao menos de prefaciá-las". Imaginem a ousadia: uma mulher expor ideias publicamente! Bárbara Heliodora, cujo companheiro era o inconfidente mineiro Alvarenga Peixoto, teve poemas publicados junto aos dele, o que hoje dificulta identificar o que é de autoria dela. Rita Joana Souza, citada no livro "Mulheres escritoras do século XIX", era pernambucana e morreu aos 22 anos. Chegou a escrever tratados de filosofia. Mas nada foi encontrado dos seus escritos. Houve até uma mulher que foi convidada para certa academia de letras. Não podendo aceitar em razão do seu sexo, pasmem! foi o marido quem assumiu no seu lugar.
>
> Confinar mulheres ao espaço doméstico tem significados e repercussões que são muito mais profundos e restritivos do que o enclausuramento em si. Até a expressão dos sentimentos e pensamentos era cerceada, ocultada. Engolidos. São várias as estratégias utilizadas para apagar existências.
>
> A exposição finaliza com "Revolução Industrial. Romance Proletário", da modernista Patrícia Galvão, a Pagu. O exemplar é único sobrevivente, segundo a bibliotecária. Após 26 de maio, quando termina a mostra, os livros estarão disponíveis para consulta. Eles fazem parte da coleção geral da Mário de Andrade, que tem mais de

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 35 | p. 157 – 172 | mai/ago 2020

> 300 mil volumes. Com mostras como estas "a ideia é valorizar encontros literários", afirma Joana. A Biblioteca espera com a exposição valorizar a produção das mulheres, muitas delas feministas, em grande parte desconhecida. Entre as novidades, para mim, uma pernambucana que se radicou em São Paulo, a feminista Josefina Azevedo e sua publicação de 1987 (sic), "Galeria Ilustre (Mulheres Célebres)", que inclui entre outras a biografia de George Sand. [...]
>
> Termino com palavras da Conceição Evaristo, "Já passou da hora de reescrever a história da literatura brasileira, da intelectualidade brasileira, afirmando nomes que ficaram fora"... (BATISTA, 2019)

Textos como este de Carla Batista são reveladores. Embora as dimensões de tempo e espaço tenham sido ampliadas na atualidade do mundo virtual, os locais fixos e as vias de acesso se tornam móveis. Vivendo no Mato Grosso do Sul, posso saber o que ocorre na cena cultural dos grandes centros como São Paulo ou Rio de Janeiro, ou ter a possibilidade de ver e participar de exposições e eventos literários sem precisar viajar, e ler jornais e outros veículos de comunicação de outros estados brasileiros e do mundo, sem importar a data de sua realização, desde que se possa fazer o acompanhamento ou resgate do que já esteve no cenário cultural. É um ambiente que se torna cada vez mais móvel, migrante, e os textos também seguem esse padrão. O que Batista escreveu pode incentivar um leitor a buscar o site oficial da biblioteca, ou a procurar mais informações sobre as autoras e obras citadas, possibilitando uma migração, enquanto movimento, de leitores, de leituras, de intelectuais, de textos, da literatura.

Deste modo, cabe às pesquisadoras, professoras, escritoras e autoras contemporâneas em geral – além dos profissionais homens, sem dúvida – propagar, divulgar e incentivar a leitura e o estudo de textos de autoria feminina. Retomar nossa própria história de produção e publicação de textos literários revela a necessidade de voltar o olhar para essa construção ao longo do tempo e promover a reescrita desta memória. É também neste sentido que se desenha uma outra possível concepção de literatura migrante, de autoras e obras que 'migram' do espaço da invisibilização para a cena literária contemporânea, para o território de sua (re)descoberta, de sua (re)conquista de um espaço mais privilegiado de inserção, estudo e divulgação.

Portanto, alguns trabalhos de escritoras mulheres poderiam e deveriam compor, de modo mais definitivo e valorizado, as listas de referência obrigatória para qualquer estudo de nossa literatura brasileira. Na busca por trabalhos voltados para esta tarefa tão relevante para repensar a escrita de mulheres, alguns títulos precisam deixar o anonimato e receber maior atenção. O interessante trabalho de Maria da Conceição Pinheiro Araújo (2006), por exemplo, faz uma revisão necessária dessa história literária marcadamente feminina que se recusa a ser apagada. No artigo, cujo título é 'Lilithes, do século XX, abrem a caixa de Pandora das Sherazades, do século XIX', a pesquisadora apresenta uma lista de obras para valorizar o que foi feito ao longo do tempo em prol da memória da escrita feita por mulheres. São citadas autoras, escritoras e pesquisadoras e suas obras, desde o século XIX até a década de 1970, no século XX, para então dar atenção especial ao recorte dos anos de 1990.

Em cada título citado, percebe-se que o esforço de compilar textos de autoria feminina, preservá-los e divulgá-los fora um empenho conjunto de mulheres, intelectuais de suas épocas, para dar visibilidade ao que poderia ser facilmente ignorado, como se

os atributos de 'notáveis', 'ilustres', 'intelectuais', não pudessem ser associados a mulheres. Num trabalho de persistência, resistência e memória, leitoras e leitores podem se surpreender ao descobrir que o primeiro título citado data de 1897, de Josefina Álvares de Azevedo, e que, no período dos 20 anos seguintes, outros dois surgiram, em 1899, de Inês Sabino, e outro em 1907, já no século XX, de Andradina de Oliveira. Os dois primeiros tratavam de 'mulheres ilustres', utilizando o adjetivo no título, e o último se concentrava em mulheres na região do Rio Grande do Sul, com destaque para as escritoras. A lista segue com Cândida de Brito, Adalgisa Bittencourt e Alzira Freitas Tacques, com obras em 1929, 1948 e no período entre 1956 e 1958, cujos títulos abarcam antologia, escritoras e poetisas e seus textos. Graças a mulheres pesquisadoras como Araújo (2006), portanto, muito pode ser redescoberto sobre a inserção feminina na literatura nacional ao longo do tempo, inspirando pesquisas de cunho mais regional também, recuperando a memória local de escritoras, intelectuais, autoras, promovendo uma necessária revisão da produção literária no Brasil, para que então possamos (re)traçar o panorama contemporâneo de nossa literatura, sem os espaços vazios do apagamento e da invisibilização voluntários contra o feminino.

Neste contexto, pensar na produção literária escrita por mulheres em Mato Grosso do Sul inclui observar como o fazer literário tem sofrido alterações e influências dos processos migratórios, exílicos e diaspóricos, tanto geográfico e físico como virtual e simbólico. Habitar uma região fronteiriça é também se colocar, figurativamente, nos interstícios culturais, linguísticos, artísticos e estéticos que incidem na produção escrita. No entanto, a construção de uma memória literária regional também é permeada por uma história não muito favorável à preservação e incentivo da escrita de mulheres. De fato, esta é uma memória a ser (re)buscada e (re)desenhada à procura de nomes a inserir e dar visibilidade, apesar dos esforços que já tem sido feitos. Resta, no entanto, muito a ser feito, a ponto de incentivar a divulgação mais ampla de obras de escritoras locais.

Destaco, por exemplo, a obra *Vozes da literatura*, publicada em 2014 pela Fundação de Cultura do estado de MS, cujos objetivos são expressos logo no início da obra, segundo lemos:

> [...] nossas paragens são retratadas há séculos por cronistas e desenhistas – viajantes da época. (...) A escrita, legítimo e seguro modo de salvaguarda da cultura e história da sociedade, se mantém como a mais adequada forma de registro de um povo. (...) Na convicção de que educação e cultura são as principais balizas que estruturam a singularidade de nosso povo, fomentamos a formação de novos leitores e a difusão de nossa literatura, que, além de nomes já consagrados, se fortalece com a revelação de autores em seus diversos segmentos. (...) Que as vozes de nossos artistas da literatura, em registros da realidade ou criação ficcional, reverberem e influenciem as gerações vindouras para novas conquistas e novos horizontes. (PUCCINELI, 2014. p. 7)

Neste projeto, portanto, são listados e apresentados 18 nomes de escritoras mulheres, 3 delas em homenagens póstumas, entre 50 nomes no total.[5] Ao passo que há um número não tão inexpressivo de escritoras elencadas, ainda se evidencia a disparidade na representação de nomes ilustres das letras entre homens e mulheres. Dentre os 9

5 Na época de publicação, as escritoras eram Aglay Trindade Nantes (1934-1998), Flora Thomé (1930-2014), Nelly Martins (1923-2003). Maria da Glória Sá Rosa faleceu posteriormente, em 2016.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 35 | p. 157 – 172 | mai/ago 2020

escritores e escritoras já falecidos, as datas de nascimento variam entre 1906 e 1938, e se consideramos que o estado de MS é ainda jovem, a vantagem do projeto *Vozes da literatura* é exatamente a possibilidade de homenagear a maioria dos autores e autoras ainda vivos e em plena produção intelectual e literária. Ademais, dentre estes percebemos uma variação importante, pois ao longo do tempo houve maior abertura do espaço privilegiado de reconhecimento para incluir um maior número de escritoras na cena local, pois são 15 homenageadas.[6]

Outro fato a notar é que os nomes são citados em ordem alfabética, o que denota a intenção de não fazer uma hierarquização de qualquer espécie entre os autores e autoras, principalmente eliminando uma possível valoração ou menosprezo da escrita feminina destas constantes na obra. Obviamente a questão persiste nas entrelinhas do discurso do processo de seleção, entre a visibilidade quase 'natural' de escritores em detrimento de outros nomes de mulheres dedicadas à escrita, invisibilizadas quer pelos meios de legitimação acadêmica, quer pela lógica mercadológica e editorial que porventura não considere rentável investir em produções de mulheres ou que menospreze seu valor estético e literário.

A obra possui um caráter ampliado no que diz respeito às produções escritas para abarcar, dentro do estatuto do literário, tanto a ficção como outras formas de escrita sem o compromisso com a 'transcrição da realidade', se apropriando de linguagens e narrativas "pertinentes para comprovar ou rememorar fatos ocorridos, produzir saber histórico" (NOGUEIRA, 2014, p. 12) e assim compor o que o projeto da Fundação de Cultura do Estado optou por incluir na literatura sul-mato-grossense. Como resultado,

> [...] as vozes dos poetas, escritores, historiadores, memorialistas evidenciam a constante preocupação com o redimensionamento da cultura, das artes, das tradições, ao mesmo tempo em que reconhecem o compromisso que lhes cabe de fazer da literatura não apenas um instrumento de lazer, mas, sobretudo, um veículo de conscientização social e de humanização (...) (NOGUEIRA, 2014, p. 15)

Nesta projeção quanto ao alcance da palavra escrita, literária, ainda cabe pensar o espaço que mulheres podem ocupar. Inclusive esta construção de memória, através da obra *Vozes da literatura*, parece ser erigida como forma de (re)conquistar o território intelectual, cultural, estético e literário, imprimindo a marca do feminino com mais ênfase. Como projeto coletivo, de proporções expandidas para a cena estadual, a organização é compartilhada equitativamente por uma assinatura masculina, de Fabio Pellegrini, e de uma mulher, Melly Sena; do mesmo modo, entre os autores dos textos de pesquisa biográfica e acerca das obras produzidas de cada um dos escritores e escritoras, há pelo menos 22 mulheres, o que denota uma maior inserção destas no campo da produção intelectual. Diante deste exemplo que acena para um caminho de maior abertura e menos díspar, certamente há muito a ser feito na descoberta do território da linguagem desbravado por outras mulheres que aliam sua produção escrita ao engajamento político de resistência.

6 As escritoras são Ariadne Cantú, Blanche Torres, Delasnieve Daspet, Elizabeth Fonseca, Lélia Rita, Lori Gressler, Lucilene Machado, Maria da Rosa Sá Rosa, Maria Eugênia do Amaral, Marisa Bittar, Raquel Naveira, Sandra Andrade, Sylvia Cesco, Thereza Hilcar e Vera Tylde.

Outras vozes ainda se percebem como balbucio, periféricas, fronteiriças, de mulheres indígenas ou migrantes, direta e indiretamente, em movimento e movimentando a poética e as narrativas do contemporâneo. Resta-nos, portanto, ampliar nossos horizontes de leitura para abarcar tais produções onde quer e como quer que se originem e se apresentem, e para isso uma nova postura crítica se faz necessária.

3 PERSPECTIVA CONTEMPORÂNEA DA ESCRITA FEMININA: EXÍLIO E MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS

No âmbito da pesquisa em estudos de linguagens, cabe aos estudos literários e culturais contemporâneos colocar em foco produções locais e, com especial destaque, a produção de mulheres neste espaço fisicamente fronteiriço, tomando por base nossa própria geografia e espaço físico, mas expandindo a ideia para os campos metafórico e simbólico. Precisamos, portanto, desenvolver e ampliar a compreensão crítica da produção artística regional, inscrevendo este estudo entre os demais que, nacional e internacionalmente, partem da crítica de(s)colonial e repensam as noções de produção de conhecimento a partir da desobediência epistêmica (Mignolo, 2014) e da reversão da dívida e da influência (Santiago, 2019).

O lugar de nossa reflexão é constituído pela referência geohistórica, biográfica, cultural e territorial do espaço de fronteira, com suas significações simbólicas e inserção no espaço do saber latino-americano. A aparência geral do quadro tem sido alterada, e no horizonte surgem, com grande ênfase, rostos, corpos e mãos femininos, povoando o espaço imaginário, acadêmico, social e cultural não mais como objeto, talvez de contemplação, passível de apreço ou menosprezo, mas como sujeito principal, ocupando o protagonismo de ação e reflexão, de produção artística e intelectual, adentrando o espaço antes fechado e negado. Além disso, pensar a partir do território fronteiriço inaugurado pelo necessário (re)posicionamento da escrita feminina nacional e regional deve agregar o traço da contemporaneidade mais imediata que exige teorização e propostas de abordagem, pois os deslocamentos humanos resultantes de exílios e migrações em massa devidos a várias causas possibilitam a produção estética de textos também migrantes, uma literatura em deslocamento que mimetiza a construção nômade do saber.

Do ponto de vista mais literal, observar tais movimentos, cuja significação se ampliou em nossa história recente, significa perceber o protagonismo de mulheres que, encabeçando marchas e deslocamentos, ou mesmo se lançando nelas seguindo a outros, traçam um novo caminho para si e suas famílias, servindo como cuidadoras e elemento agregador, redesenhando as paisagens e estabelecendo outras formas de relações nos locais por onde passam ou procuram se fixar.

O que trazem consigo, literal e simbolicamente? Quais marcas esses corpos físicos e metafóricos carregam e imprimem na nova paisagem cultural, ao manter formas de linguagem, preservar memórias e convertê-los em herança passível de repasse e modificações, em meio a outras influências? Penso, aqui, nas mães, avós, tias, irmãs que preservam oralmente a história familiar, que nas ações do cotidiano, de buscar sustento, alimento, roupa e abrigo, no mais básico papel de cuidar de si e dos outros, definem novos rumos para os relatos culturais de memória própria e alheia, coletiva.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 35 | p. 157 – 172 | mai/ago 2020

É neste sentido que habitar fronteiras constrói outras compreensões e significados, nômades, inconclusos, migrantes e inquietos. Dar voz literária a elas significa permitir sua expressão, sua escrita e sua leitura, convidando maiores públicos para o conhecimento e apreciação. Entendemos, portanto, o espaço acadêmico como território para a busca e redescoberta de mulheres escritoras, antigas e atuais, como meio de amplificar o balbucio e o rascunho a proporções maiores e de acordo com o potencial feminino para a escrita, já existente, contudo borrado pelas tentativas de seu apagamento, como consideramos anteriormente, e alcançar outros leitores e ouvintes.

Apresentar as narrativas e construções de discursos locais é uma forma de dar visibilidade à produção do saber regional através da arte e da literatura, e fazê-los circular local e nacionalmente. Teoricamente, inclusive para nós, pesquisadoras e pesquisadores, se faz necessário o complemento do des-aprender para re-aprender proposto pela desobediência epistêmica (MIGNOLO, 2019), bem como a reflexão proposta pela crítica de(s)colonial, como forma de prosseguir com o desenvolvimento de um olhar crítico e consciente essencial para os intelectuais, mulheres e homens, contemporâneos.

É neste respeito que ressaltamos a importância de desenvolver pesquisas locais para (re)pensar nosso próprio espaço de reflexão e criação literária, para voltar o olhar para o território simbólico no qual arte, saberes, narrativas, discursos e ficções surgem, ressurgem, são ressignificados, migram e deslocam conceitos. Estes se tornam provisórios, diaspóricos e fundam o pensamento local com vistas ao universal, assim como projetos afins que elegem como opção de coexistência, de contraposição ou de harmonia para promover o desprendimento do espelhamento da lógica que alia crescimento, consumismo a exploração, marginalização e desvalorização humana, incluída a desvalorização da escrita de mulheres (Mignolo, 2014). Recorrer a textos de autoras locais e propor sua leitura e circulação se enquadra bem na nova percepção social e política que a insistência na escrita traz consigo, tornando as letras o espaço de resistência para a inscrição de nomes e obras essenciais na memória da poética e das narrativas contemporâneas, no caráter humanizador, libertador e mais democrático da literatura.

Se a literatura produzida por mulheres surge em meio a formas de representação e constroem visões poéticas dos espaços físicos, metafóricos e simbólicos da linguagem, da expressão e da percepção de pessoas e grupos, compondo o mosaico que revela tanto o regional como o universal, os projetos locais de escrita com traços indígenas, fronteiriços, pantaneiros, migrantes, exílicos, transnacionais, se expandem para as histórias globais (MIGNOLO, 2014), ultrapassando quaisquer barreiras e limites por seu caráter esteticamente humano, universal. Precisamos ler e dar a conhecer, por exemplo, autoras como Aglay Trindade Nantes e seu Morro Azul (1993) que, mesmo

> sem se preocupar com a questão de gênero e fazer uma história de mulheres, (...) destaca como linha condutora do seu livro a força da mulher pantaneira como o esteio familiar, tanto na fase da guerra como posteriormente, na difícil fase de reconstrução de propriedades e dos novos entrelaçamentos das famílias com casamentos e redistribuição de terras. As mulheres foram, para as autoras, uma representação simbólica de coragem, amor e resistência diante das adversidades. Elas deram a força necessária à sustentação das histórias relatadas, aliás, histórias não totalmente inventadas. (CORRÊA, 2014,p. 21)

CC BY NC SA

Das narrativas do espaço e da mulher da região do pantanal, nos intrincados interstícios da memória e da criação literária, surge uma prosa amena que revela o modo como os fios das histórias pessoais, familiares e locais se imbricam com a percepção do próprio território, a modo de uma compreensão de si por meio da visão geográfica, humanista e cultural.

Mas as demandas contemporâneas também ocupam espaço nas produções literárias locais que esperam por maior visibilidade. Delasnieve Daspet, autora de reconhecimento internacional, com obras traduzidas para línguas como inglês, francês, espanhol e alemão, é também considerada uma biopoeta. Segundo Maria Helena Sarti, a escritora "defende a autodeterminação dos povos e a preservação do meio ambiente, enfim, usa as palavras que surgem para lutar contra as injustiças que sangram a quem respira" (2014, p. 120). Ademais, conhecida como "a poeta do Pantanal", nascida em Porto Murtinho, "é a voz de quem se perdeu, dos desvalidos, milita em prol das minorias" (SARTI, 2014, p.120). Trata-se, sem dúvida, de uma escritora de renome, inserida em 2011 no "*Dicionário de Mulheres* da historiadora Hilda Flores (Porto Alegre, RS)" (SARTI, 2014, p. 121), cuja obra não tem aparecido na cena estadual como, acreditamos, deveria e poderia. Como escrita de mulher social, cultural e politicamente engajada, resta à academia contribuir para sua leitura e estudo.

Ademais, as implicações da palavra poética com as memórias narradas, inventadas, reelaboradas, surgem na escrita de Gleycielly Nonato, escritora de origem indígena da etnia Guató que retoma a voz ancestral, da avó, da mãe, das antepassadas mulheres em contos (publicados na coluna Ecoa, da *Revista Ruído Manifesto*), ou retomando histórias locais compreendidas como lorotas, causos ou histórias orais. Em Um conto de alma – Karáguejá I, por exemplo, lemos algo sobre a alma da ligação familiar e as escolhas impostas pela cultura e pelas relações, como um relato que se inscreve como escrita feminina:

> *Quando uma mulher dá à luz, seu corpo se quebra em milhares de pedaços. (...) Deu-se a luz, mas nem tudo está claro.*
>
> Quando estava próximo do parto, as mais velhas me levaram para o rio. De cócoras, com as mãos agarradas à galha de ingazeiro à beira da margem, fiz o canto virar grito. Tudo tão assustador e bonito. Já deitada na rede, dando de mamá, fiquei imaginando como eu estaria agora se escolhesse devolver a criança às águas.
>
> Quando uma mulher é abandonada pelo marido aqui na aldeia, a regra é clara: a mulher, se estiver grávida, tem o direito de escolher se devolve a criança, deixando o rio levar ao nascer, ou se vai assumir o filho sozinha. No primeiro caso, devolvendo a alma da criança ao rio, ela pode se casar de novo e constituir nova família. Se assume o filho, tem que partir sozinha para a mata e ser mãe, caçadora, protetora... fera.
>
> As mulheres da aldeia amparam a irmã, pelo menos até o período que a criança está amamentando. Trazem frutas, mel e caça. Para que ela fique forte e saudável para seguir sozinha. Todas estavam sentindo a mesma dor. A dor de ver a irmã com o filho nos braços, e um caminho incerto.
>
> Dei à luz a uma menina. Uma forte menina de olhos de onça. (...) (NONATO, 2020)[7]

7 O texto foi reproduzido exatamente conforme a redação do conto publicado em 18 de março de 2020. Disponível em ruidomanifesto.org, acesso em 01 de maio de 2020.

CC BY NC SA

Autora de dois livros, *Índia do rio - poesias*, de 2012, e *Vila pequena – causos, contos e lorotas*, de 2017, a jovem escritora produz textos que se alçam como uma voz polifônica da região norte do estado de MS, nas intersecções entre o espaço geográfico, cultural e simbólico mimetizado em sua narrativa pessoal e familiar de vivência, experiência e ficção.

Como resultado, a escrita de mulheres se eleva frente aos – ou como os – monumentos que são, mais uma vez, erigidos; em foco, a configuração contemporânea do real perpassada pela arte e estética, que fornecem uma forma de percepção e reflexão importantes para a formação humana do cidadão do século XXI. Se os monumentos não são mais intocáveis e imutáveis, fixos, mas móveis e transitórios como retratos parciais e momentâneos, diaspóricos em sua constituição atual e significação, sua importância não foi reduzida; ao contrário, tornam-se mais e mais emblemáticos e sujeitos à reflexão e interferência do leitor/espectador/observador. A fronteira emerge como espaço ficcional na literatura e na arte, mas, ponto de encontro, de ruptura ou de princípio e fim, sua descrição metafórica revela mais do que um território sobre o qual autores e autoras desenvolvem suas narrativas, ou onde personagens tecem seus discursos e as situações possíveis são representadas.

Ao analisar a literatura em sua relação com o território fronteiriço e os estudos atuais da crítica de(s)colonial, não se pode mais permitir a invisibilidade do feminino nos movimentos migratórios (TOMASCHESKI, 2010) ou em quaisquer outras circunstâncias e espaços. As narrativas locais, femininas, se inscrevem como objeto de leitura obrigatória.. São a marca e a representação do local impressas na contemporaneidade, e qualquer análise acadêmica e crítica que não as leve em conta resultará parcial e incompleta.

4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PARCIAIS A MODO DE CONCLUSÃO

A reflexão acerca da escrita contemporânea brasileira e regional, feita por mulheres, demonstra que se trata de um espaço em construção, um territórios móvel que, ao longo do tempo, tem sido constituído como resistência e luta, uma postura artística, intelectual, cultural, social e política contra as imposições e restrições que cerceiam a produção literária de autoria feminina. Apesar dos avanços, da ampliação dos processos de produção, divulgação e do próprio número de mulheres dedicadas a esse ofício, nota-se que ainda subsiste um sistema de valoração de obras que se ressente desta conquista, e isso implica um esforço maior para dar visibilidade a escritoras e obras.

Rastrear escritas femininas, quer como narrativas e leituras da fronteira, quer como processos de construção de literaturas migrantes e de exílio dos espaços simbólicos, metafóricos ou literais, no âmbito da pesquisa regional e nacional, coloca em perspectiva uma realidade local que pode – e deve – ser estudada em sua dimensão global. Os encaminhamentos e as razões da pesquisa acadêmica e sua difusão em outros espaços, inclusive para públicos não especializados e não escolares, nos direcionam para uma nova compreensão de como a produção literária, como produção artística, responde pelas novas conceituações e formas de organização cultural e social a que assistimos nestas décadas iniciais do século XXI. Cabe-nos, como pesquisadoras e professoras, procurar formas de ampliar essa divulgação e dar visibilidade às autoras e aos textos.

Por um lado, uma nova episteme, ou pelo menos um novo posicionamento frente à (ou ao lado da) epistemologia retórica da modernidade, nas palavras de Mignolo, exigem uma postura intelectual que responda, satisfatoriamente, às novas formas de apresentação dos discursos e narrativas pautados no entendimento das literaturas das minorias e de 'fronteira'. Estamos, certamente, diante de novas bordas, limites, espaços de começo e fim de pensamentos, de comportamentos, de construções identitárias, de simbologias, de modo que a organização do pensamento crítico já não se vale das velhas fórmulas, e assistimos aos seus efeitos na nova configuração dos espaços urbanos, nas relações, no ser e estar no mundo, no próprio mundo. É nesta nova configuração e postura intelectual que precisamos inserir a escrita de autoria feminina, bem como conduzir seu estudo acadêmico e sua divulgação através do contato e ampliação para outros públicos e leitores.

Do ponto de vista acadêmico, por em foco a escrita feminina significa utilizar um viés específico e profícuo para a observação das convulsões político-econômicas, ideológicas, os conflitos e relações de poder, voltar os olhos para suas causas e seus efeitos, repensando a lógica da estruturação das bases do que considerávamos uma sociedade estável pautada em uma visão androcêntrica e patriarcal, e coloca-las em paralelo com um modelo de sociedade em transição, em transmutação, em processo dinâmico de mobilidade e avaliar suas instabilidades e processos e caminhos possíveis. O pensamento emergente torna-se coletivo, e revela a face de saberes e 'fazeres' que refletem tais convulsões. Uma literatura considerada à margem surge como um objeto artístico cujos pressupostos éticos e estéticos dão o sentido da ficção na atualidade por meio da escritura feminina que queremos promover para continuar a trazer à tona para essa e futuras discussões.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 35 | p. 157 – 172 | mai/ago 2020

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria Conceição Pinheiro. Lilithes, do século XX, abrem a caixa de Pandora das Sherazades, do século XIX. In: Revista Letras de Hoje, 2006. Disponível em: http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/637/466

BATISTA, Carla. Autoras mulheres pioneira. In: FolhaPE.com. Coluna Mulheres em movimento, 01/05/2019. Disponível em: https://www.folhape.com.br/noticias/noticias/mulheres-em-movimento/2019/05/01/NWS,103651,70,1055,NOTICIAS,2190-AUTORAS-MULHERES-PIONEIRAS.aspx?fbclid=IwAR13ZY7VZI3ylDEjDCNxV8F-qjoJ2-DRAN-8QapYLGd07C9YH2djBElYFZfc Acesso em 20/04/2020.

BENTO, Berenice. O lado feminino de Bolsonaro: os memes como sintoma. In: Revista Cult, 22 de abril de 2020. Disponível em: https://revistacult.uol.com.br/home/o-lado-feminino-de-bolsonaro-os-memes-como-sintoma/ Acesso em 30/04/2020.

BIBLIOTECA MARIO DE ANDRADE. Pioneiras: Exposição. Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bma/programacao/ index.php?p=25515 Acesso em 21/04/2020.

CRESTANI, Jaison Luís. Machado de Assis no Jornal das Famílias. São Paulo: Edusp; Nankin Editora, 2009.

CORRÊA, Lúcia Salsa. Aglay Trindade Nunes. PELLEGRINI, Fabio; SENA, Melly. Vozes da literatura (orgs). Campo Grande: FCMS, 2014.

DUARTE. Constância Lima. **Literatura de autoria feminina:** uma história possível. In: ELÓI, Maria Amélia (curadora). As mensageiras: Primeiras escritoras do Brasil - Exposição. Série Histórias não contadas 06. Brasília: Editora da Câmara dos Deputados, 2018.

LISPECTOR, Clarice. NUNES, Aparecida Maria (org). Correio para mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

LANSER, Susan S. **The sexuality of History**. Modernity and the Sapphic 1565-1830. Chicago: University Chicago Press, 2014.

FIGUEIREDO, Eurídice. **Mulheres ao espelho:** autobiografia, ficção, autoficção. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

MIGNOLO, Walter. **Desobediencia epistémica**. Retórica de la modernidade, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad. 2. Ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2014.

MIGNOLO, Walter. **El vuelco de la razón**. Diferencia colonial y pensamento fronterizo. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2019.

NANTES, Aglay Trindade. **Morro azul – estórias pantaneiras.** Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2010.

NOGUEIRA, Albana Xavier. Vozes da literatura em Mato Grosso do Sul. In: PELLEGRINI, Fabio; SENA, Melly. Vozes da literatura (orgs). Campo Grande: FCMS, 2014.

NONATO, Gleycielly. **Um conto de alma – Karáguejá I**. In: Revista Ruído Manifesto, conto de 18 de março de 2020. Disponível em ruidomanifesto.org, acesso em 01/05/2020.

NONATO, Gleycielly. **Vila pequena:** causos, contos e lorotas. Campo Grande: Fundo de Investimento do Estado de Mato Grosso do Sul, 2017.

PUCCINELLI, A. **Formação de leitores, difusão de talentos, revelação de autores**. In: PELLEGRINI, Fabio; SENA, Melly. Vozes da literatura (orgs). Campo Grande: FCMS, 2014.

SARTI, Maria Helena. **Delasnieve Daspet**. In: PELLEGRINI, Fabio; SENA, Melly. Vozes da literatura (orgs). Campo Grande: FCMS, 2014.

SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos**. Recife: Cepe, 2019.

TOMASCHESKI, Elisandra. **Invisibilidade do feminino nos deslocamentos migratórios:** relatos sobre a vida de dona Luzia. In: Revista Rascunhos Culturais. V. 1, n.1. Coxim, MS: A Universidade, 2010.

Recebido em06/05/2020
Aceito em 15/06/2020

CC BY NC SA